



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA
TERMINALIDADE GESTÃO AMBIENTAL

JOSUÉ CANDIDO FORTUNATO

PLANTAS MEDICINAIS, PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO E OS CONFLITOS
COM A BIOMEDICINA ENTRE OS KAINGANG DO SETOR DA BANANEIRA,
TERRA INDÍGENA DA GUARITA, RIO GRANDE DO SUL

REDENTORA (RS), NOVEMBRO 2014

JOSUÉ CANDIDO FORTUNATO

PLANTAS MEDICINAIS, PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO E OS CONFLITOS
COM A BIOMEDICINA ENTRE OS KAINGANG DO SETOR DA BANANEIRA,
TERRA INDÍGENA DA GUARITA, RIO GRANDE DO SUL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,
APRESENTADO AO CURSO DE LICENCIATURA
INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA
MATA ATLANTICA.

ORIENTAÇÃO: PROFª DRª ELIANA DIEHL

REDENTORA (RS), NOVEMBRO 2014



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 18 dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às 14 horas, na Sala Girassol do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Eliana Elisabeth Diehl, Orientadora e Presidente, Professora Esther Jean Langdon, Titular da Banca, e Professora Maria Dorotheia Post Darella, Suplente, designados pela Portaria nº 26/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Josué Candido Fortunato, subordinado ao título: "Plantas medicinais, práticas de autoatenção e os conflitos com a biomedicina entre os Kaingang do setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Eliana Elisabeth Diehl, a nota final 10,0, da Professora Esther Jean Langdon, a nota final 10,0, e da Professora Maria Dorotheia Post Darella, a nota final 10,0.; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 18 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. ELIANA E. DIEHL 

Prof. ESTHER JEAN LANGDON 

Prof. MARIA DOROTHEIA POST DARELLA 

Candidato JOSUÉ CANDIDO FORTUNATO 

A BANCA SALIENTA A EXCELÊNCIA DO TRABALHO E SUA RELEVÂNCIA PARA OS KAINGANG, AS POLÍTICAS QUE ENVOLVEM INDÍGENAS E P. OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. TAMBÉM ESTIMULA QUE CONTINUE COM SEUS ESTUDOS E PESQUISAS.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Josué Candido Fortunato, matrícula n. 11104297, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Plantas medicinais, práticas de autoatenção e os conflitos com a biomedicina entre os Kaingang do setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 30 de JANEIRO de 2015

Orientador(a)

AGRADECIMENTO

Primeiramente quero agradecer a Deus, por esta oportunidade que ele tem me dado para chegar até aqui, pela saúde, enfim por tudo de bom que me tem feito. Também quero agradecer aos meus familiares: meus filhos e minha esposa, que apesar da distância, me deram força para chegar até aqui; levo em consideração o meu velho pai, que me deu muita força quando eu vim até a Universidade fazer a minha matrícula para este Curso de Licenciatura e também por ele ter me ajudado com suas falas quando fiz os trabalhos no tempo-comunidade.

Sumário

I. INTRODUÇÃO	9
II. SOBRE A PESQUISA	11
1. A coleta dos dados.....	11
2. A etnia Kaingang	11
3. As referências da comunidade do setor da Bananeira	13
III. AS RELAÇÕES DAS PESSOAS DA COMUNIDADE COM AS PLANTAS MEDICINAIS (<i>VÊNHKAGTA</i>).....	14
IV. OS SABERES DAS PESSOAS DA COMUNIDADE SOBRE PLANTAS MEDICINAIS (<i>VÊNHKAGTA</i>).....	16
V. A NOMENCLATURA DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS	21
VI. CONCLUSÃO.....	24
VII. REFERÊNCIAS	25

APRESENTAÇÃO

Eu, Josué Candido Fortunato, resido na Terra Indígena (TI) da Guarita no setor da Bananeira no município de Redentora, Rio Grande do Sul (RS). Antes de tudo, quero tentar mostrar no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) as interferências da biomedicina e dos remédios da farmácia que ocorrem dentro desta comunidade. Portanto, abordará o tema da transição da medicina tradicional à biomedicina: os conflitos destas duas formas de tratamento na TI da Guarita na comunidade do setor da Bananeira. As comunidades da TI da Guarita, com a chegada dos remédios do posto de saúde/farmácia, estão deixando de valorizar a medicina tradicional indígena Kaingang, e esse trabalho surgiu a partir dos objetivos do pensamento das pessoas entrevistadas durante a pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) trata sobre plantas medicinais, práticas de autoatenção e os conflitos com a biomedicina no setor da Bananeira da Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul. Nas várias realidades indígenas, se observa a forte presença da biomedicina e especialmente dos medicamentos da farmácia, que muitas vezes geram conflitos com os usos das plantas medicinais. Esse TCC foi realizado através de entrevistas com os mais velhos e algumas pessoas da comunidade, buscando entender sobre os diferentes usos das plantas medicinais, as práticas de autoatenção, assim como sobre o uso da biomedicina pelos indígenas. Os resultados da pesquisa mostram que a maioria das pessoas que mora neste local, apesar de conhecer as plantas medicinais (por exemplo, os mais velhos citaram algumas plantas e para quais doenças são indicadas), não as usam mais como antigamente. Hoje, os indígenas usam alternada ou conjuntamente as plantas e os medicamentos da farmácia segundo as doenças que os afetam. A interferência da biomedicina, quando os médicos proíbem ou julgam negativamente a automedicação com plantas e/ou com medicamentos, gera conflitos, muitas vezes contribuindo para o abandono ou redução do uso das plantas. Esse TCC pode contribuir na melhoria do diálogo entre indígenas e suas lideranças e com os profissionais de saúde, no sentido de mostrar que existe um conhecimento sobre plantas medicinais que pode ser útil para todos.

Palavras-Chaves: Plantas Medicinais; Medicamentos; Práticas de Autoatenção; Índios Kaingang.

I. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão Curso (TCC) traz entrevistas com os mais velhos e outras pessoas do setor da Bananeira sobre as plantas medicinais, aqui entendidas como recursos nas práticas de autoatenção, pensando no texto do antropólogo Eduardo Menéndez (2009), e também sobre a presença dos remédios da farmácia na vida dos Kaingang. Nesse trabalho, a biomedicina é entendida como uma forma de tratamento que, baseada no desenvolvimento tecnológico, utiliza os remédios da farmácia nas doenças.

Bem, antes de falar do TCC, quero mostrar as referências da minha Terra. Segundo PÖRSCH (2011), a Terra Indígena (TI) da Guarita fica situada no noroeste do Rio Grande do Sul, nos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco (ver Figura 1). Sua área atual é de 23.406 ha e atualmente existem mais de 7 mil índios. É dividida em 15 setores onde ficam os Kaingang e mais um setor onde ficam os Guarani. A TI da Guarita possui praticamente metade de vegetação primária e a outra metade é a parte onde os Kaingang usam para o cultivo; sua flora pertence ao bioma Mata Atlântica, sendo importante citar que a floresta é estacional decidual e ombrófila mista (PÖRSCH, 2011). No setor da Bananeira onde resido existe um pouco mais de 20% desta floresta.

Como todo TCC, primeiramente se desenvolve um projeto para depois produzir um texto, partindo das ideias das pessoas que foram entrevistadas e as leituras bibliográficas. O objetivo da pesquisa foi identificar o que pensam sobre a medicina tradicional Kaingang, especialmente o que se refere às plantas medicinais enquanto práticas de autoatenção à saúde (MENÉNDEZ, 2009), as suas utilidades para as pessoas, e refletir sobre a presença dos medicamentos da farmácia em uma comunidade da TI da Guarita, RS. A hipótese é que a medicina tradicional indígena tornou-se pouco usada para medicar as enfermidades. Com a entrada dos medicamentos da farmácia, muitas pessoas optaram por estes recursos para o tratamento de suas doenças e usando-os conforme receita médica ou por meio de práticas de autoatenção (sendo a automedicação uma das formas de autoatenção). Dentro da TI da Guarita, busquei focar em uma comunidade onde realizei o trabalho.

O sentido da autoatenção de Menéndez (2009) que eu uso nesse TCC envolve práticas e saberes que as pessoas, individualmente e nos seus grupos, usam para prevenir, tratar, curar, etc., as doenças, de forma autônoma dos especialistas, sejam médicos ou especialistas indígenas.

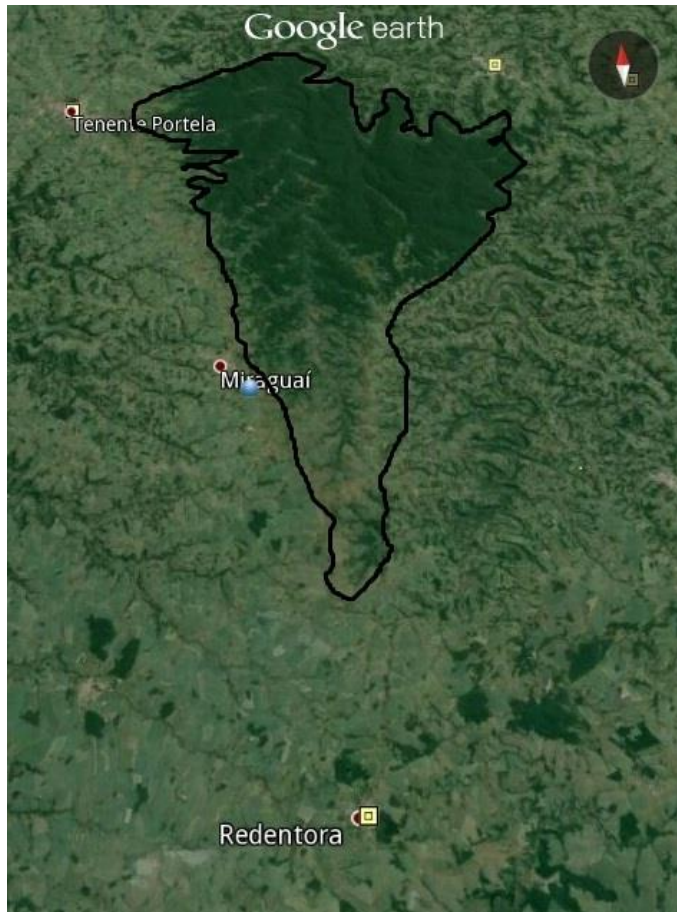


Figura 1: Localização da Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul. Disponível em: Google Earth. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

No passado, os indígenas da comunidade do setor da Bananeira usavam muito as ervas ou plantas medicinais para o tratamento de qualquer doença. Hoje, parece que pouco se usa as plantas medicinais, quando se compara ao tempo antigo. Assim, busquei informação sobre os conhecimentos das pessoas que envolvem o cuidado à saúde, procurando entender os possíveis conflitos existentes entre a medicina tradicional Kaingang e a biomedicina.

II. SOBRE A PESQUISA

1. A coleta dos dados

Foram entrevistadas sete pessoas do setor da Bananeira e conforme o andamento do trabalho fui perguntando suas idades, pois definiu-se um recorte de faixa etária: pessoas entre 25 e 45 anos e mais velhas (mais de 45 anos de idade). Entre estes sete, dois deles trabalhavam na saúde indígena: uma técnica de enfermagem e um agente indígena de saúde (AIS). As entrevistas foram feitas no período de julho e agosto de 2014. Fazendo esta pesquisa, tive o máximo de cuidado para que as pessoas se sentissem à vontade para conversar enquanto eu entrevistava; a maioria das pessoas optou por dar seus nomes verdadeiros nas entrevistas.

2. A etnia Kaingang

No Brasil, existem em torno de 305 etnias e 274 línguas diferentes¹. Todas essas etnias indígenas pensam e veem a natureza de uma forma diferente. Os indígenas lutam pela sua sobrevivência, suas terras, sua língua, seus costumes e pelo conhecimento tradicional do seu povo. Um desses é o povo Kaingang, que é povo lutador, bravo e que luta pelo seu direito, que é a sua terra. Atualmente, os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conforme o mapa na Figura 2, observamos a região onde os Kaingang se localizam e as Terras Indígenas.

No passado, onde os Kaingang viviam havia muito mato e/ou floresta araucária, mas o avanço das lavouras feitas pelos não indígenas e a modernização acabaram modificando e causando um impacto ambiental negativo pelo desmatamento da floresta. Segundo as palavras dos entrevistados, quando tinha mato era muito bom, pois havia fruto e muita caça neste local, hoje já não se encontra mais frutas aqui perto. Os entrevistados disseram que sempre respeitaram a mata como se fossem filhos desta mata. Conforme Barros et al. (2011, s.p.):

Falar sobre cultura indígena é um desafio, alguns tem a idéia de que o índio é um miserável, inerte e que ele representa um regresso para sociedade. Quando na verdade sua miséria é fruto deste “progresso”, dos recursos

¹ IBGE (2010). Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/video-2>. Acesso em: 16 de setembro de 2014.

usados para a grande revolução e a pilhagem de capital, que foi arrancado sem estudo e cuidado do meio ambiente e de seus habitantes tradicionais.

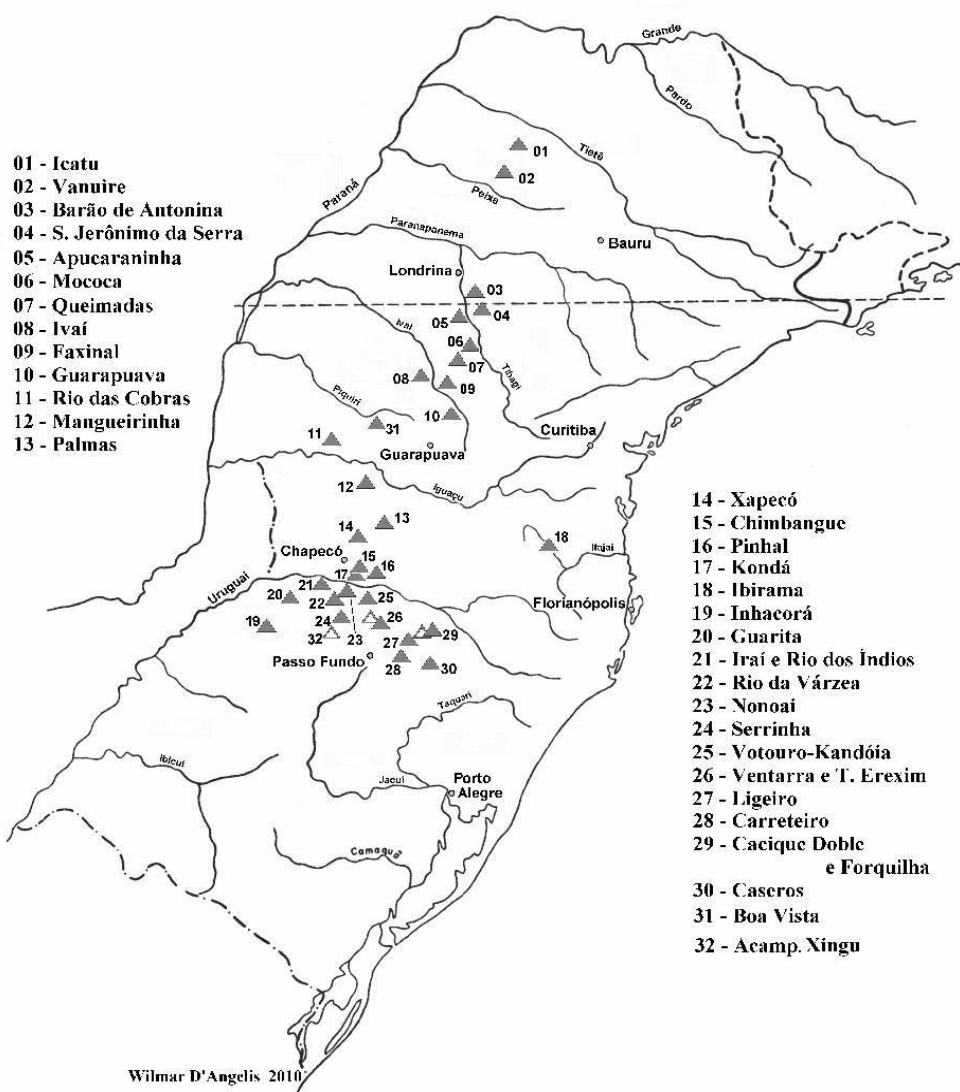


Figura 2: Terras Indígenas Kaingang no Brasil. Fonte: D'Angelis (2010). Disponível em: http://www.portalkaingang.org/imgs_gerais/home/aldeias/foto_mapa_geral.bmp. Acesso em: 5 de outubro de 2014.

Então, falar do povo Kaingang sempre provoca uma reflexão sobre suas vivências e seus costumes. Vivendo junto com a comunidade e com orgulho sendo desta etnia, percebi a valorização que nossos velhos têm em relação à mata.

Segundo Pörsch (2011), a etnia Kaingang pertence linguisticamente à família Jê do tronco linguístico Macro-Jê e é uma das maiores populações indígenas atualmente. Segundo o IBGE (2010) existem mais de 37.470 Kaingang. Sozinhos, os Kaingang correspondem a quase 50% de toda população dos povos de língua Jê (PÖRSCH, 2011). Baseado no conhecimento repassado pelos mais velhos, eles valorizam muito as plantas

que existem nos seus arredores porque as utilizam para se medicar e também para o bem estar da natureza.

3. As referências da comunidade do setor da Bananeira

Como foi citado acima, a TI da Guarita é dividida em setores, e neste trabalho fiz um levantamento nas famílias que se situam no setor da Bananeira (Figura 3), onde moram mais de 80 famílias, totalizando aproximadamente 320 indivíduos.

Algumas dessas famílias trabalham na agricultura, que é umas das fontes de renda; outras trabalham em frigoríficos nos municípios próximos como no município de Miraguaí RS e na cidade de Itapiranga SC com carteiras assinadas; algumas trabalham como diaristas no município de Miraguaí, algumas fazem artesanatos para vender em cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ainda há aposentados e pensionistas e outros trabalham na escola como professores e funcionários na saúde.

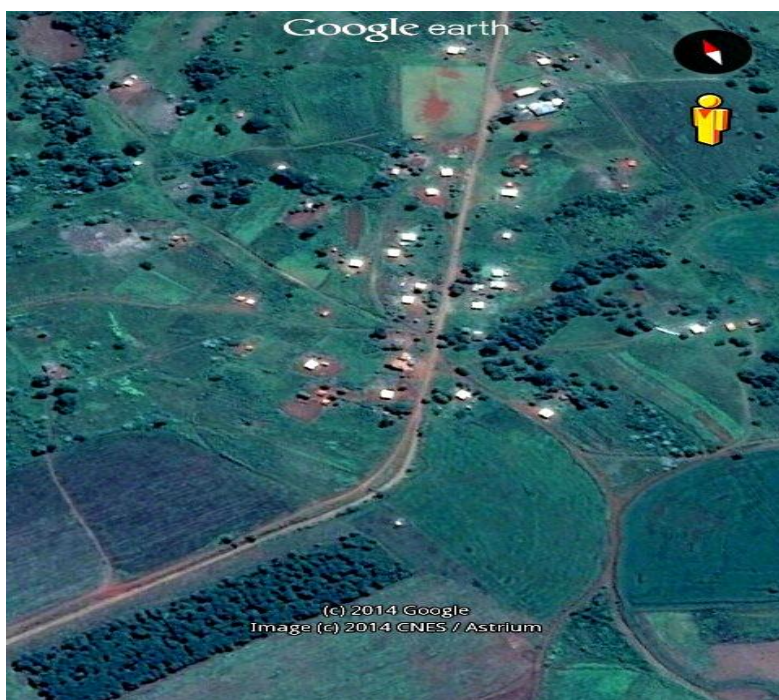


Figura 3: Setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita. Disponível em: Google Earth. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

III. AS RELAÇÕES DAS PESSOAS DA COMUNIDADE COM AS PLANTAS MEDICINAIS (VĚNHKAGTA)

Pensando no contexto Kaingang, as plantas medicinais, na língua *vĚnhkagta* (*VĚnh* significa “mato” e *Kagta* significa “cura”), são um valor muito respeitado, pois no passado se usava para o tratamento de qualquer doença ou enfermidade que acontecia entre os indígenas. Falar em medicina tradicional traz o pensamento sobre remédios e chás feitos por indígenas, mas também é das ervas e plantas que se fazem os medicamentos farmacêuticos. No entanto, quando falamos em tratamento para pessoas enfermas, há uma interferência dos médicos que proíbem ou julgam negativamente a automedicação dos pacientes. Esta interferência induz os Kaingang desta comunidade a deixarem de usar as suas medicinas tradicionais. Embora a medicina ocidental tem avançado, muitos dos velhos indígenas buscam valorizar o seu modo de tratar as doenças, inclusive as que são incuráveis do ponto de vista da biomedicina.

Um exemplo é o caso relatado pelo entrevistado Marculino Sales sobre seu filho que teve várias fraturas nos braços e nas pernas. Disse ele que levaram o filho para a cidade de Palmeira das Missões, no RS. Segundo o senhor Marculino, os médicos informaram que não tinham o que fazer, pois havia fraturas em várias partes da perna de seu filho, a não ser amputar o membro. O senhor Marculino então pediu aos médicos se era possível ele levar o filho para casa, que iria dar um jeito de curá-lo. Os médicos pediram a ele para assinar um termo de compromisso, se responsabilizando pela conduta. O senhor Marculino trouxe o filho para a sua casa, onde fez seus remédios, um tratamento de sessenta dias. Passados esses dias, o filho começou a dar seus primeiros passos.

Observo que existem conflitos entre essas duas formas de tratamento na comunidade da Bananeira, pois na maioria das vezes as pessoas pensam de formas diferentes para tratar quando adoecem. Notei durante a minha pesquisa que os mais velhos consideram as plantas medicinais muito importantes para o tratamento de suas doenças e entre a maioria que entrevistei, falaram que houve um tempo que foram proibidos de usar seus próprios chás e seus remédios caseiros. Isto me faz refletir sobre o contexto em que a biomedicina cumpre o seu papel decisivo quando são recomendados medicamentos pelo médico para as pessoas que necessitam tratar as doenças.

Sabemos que existem várias formas de tratar as doenças, como por exemplo, o tratamento das doenças crônicas, mas isto depende de cada um buscar auxílio ou fazer a autoatenção. A forma que vive uma comunidade vai definir como pensar e fazer o tratamento. Segundo o pensamento de Menéndez (2009), os diversos saberes e formas de atendimento da doença que operam hoje em uma sociedade determinada têm a ver com as condições religiosas, étnicas, econômicas, políticas, técnicas e científicas que deram lugar ao desenvolvimento de formas e saberes diferenciados que costumam ser considerados antagônicos, principalmente entre a biomedicina e a maioria dos outros saberes.

Abordando estas questões e as ideias de Menéndez, os Kaingang do setor da Bananeira possuem conhecimentos e práticas de atenção à saúde que qualquer um que estuda os indígenas, como os antropólogos, observaria que há outras formas de tratar as doenças que vezes afetam a comunidade. Neste local, a maioria das pessoas conhece as plantas medicinais, e desde pequenos as crianças já são ensinadas pelos seus avôs sobre as plantas que são usadas para tal tipo de doenças. Porém, devido à interferência da biomedicina, as plantas medicinais ficam em segundo plano, embora eles saibam do valor e do tratamento que pode ser feito nas pessoas enfermas. Segundo o entrevistado Marculino Sales, de 80 anos de idade:

Gostava muito de usar o remédio do mato [ervas ou plantas medicinais]. Quando eu ficava doente eu procurava o remédio no matinho que ficava perto de casa, hoje eu moro aqui no vilarejo e quase não vou buscar mais, porque eu já canso muito quando vou no mato e meus olhos são fracos e não consigo enxergar direito. Mas dez anos atrás eu fazia muitos chás para as pessoas e para os meus filhos, as pessoas vinham de outros lugares procurar os chás. E eu conheço muitas plantas que servem para as doenças. Mas um dia desses foi proibido de nós Kaingang fazer estes tipos chás, porque o médico de fora veio e pediu para nós não fazer mais. Porque algumas pessoas que estavam usando as plantas medicinais como remédios não eram receitadas pelo médico, e eu fui proibido pelas lideranças daqui. Então foi por isso que eu parei de fazer, mas às vezes fico falando para os meus netos das plantas que são usados para remediar quando ficamos doentes, para que eles possam ficar sabendo para depois usar também ou até falar e repassar esses conhecimentos.



Imagens do senhor Marculino Sales. Foto: Josué C. Fortunato (agosto de 2014).

Com a fala do senhor Marculino Sales, penso que o povo indígena às vezes é impedido de realizar o seu trabalho, como por exemplo preparar e indicar os remédios indígenas. Percebo que as pessoas desta comunidade, apesar de conhecerem muito *VËNHKAGTA*, preferem usar os medicamentos das farmácias como, por exemplo, aqueles que vêm no posto de saúde. A maioria das pessoas costuma conversar uma com a outra sobre as plantas medicinais, principalmente com os mais velhos, e é assim que a comunidade sabe e conhece as plantas para fazer os remédios.

IV. OS SABERES DAS PESSOAS DA COMUNIDADE SOBRE PLANTAS MEDICINAIS (*VËNHKAGTA*)

Relatando o conhecimento da comunidade e a vivência dos moradores da Bananeira, há dois modos principais de tratamento de suas doenças: a medicina tradicional e os remédios da farmácia. Na comunidade, em geral, o que tem sido mais praticado ou usado é os remédios do posto/farmácia, enquanto que o mais valorizado pelos mais velhos é as plantas medicinais. Assim, as duas formas são bem relevantes. Para os mais novos da comunidade, o caminho para o tratamento de qualquer doença é ir a um posto de saúde buscar os remédios, que são bons para sua dor ou doenças, conforme as entrevistas feitas na comunidade. As pessoas também têm se automedicado, pois quando os filhos ficam doentes já existem alguns remédios da farmácia em casa. Penso que o cuidado de cada um depende de si próprio. Portanto, a diversidade é observada quando se cuida e como pensa sobre o cuidado. Segundo o antropólogo Menéndez (2009), além de reconhecer essa diversidade quando nos

referimos aos saberes e formas de atenção, a prioridade não é apenas pensar em termos de eficácia técnica ou de significações culturais, mas reconhecer a existência deles.

Nos entendimentos dos mais velhos, a medicina do não indígena tem influenciado bastante as comunidades indígenas, e às vezes os médicos têm negado o uso das plantas medicinais. Isto traz uma tristeza muito grande para os que conhecem e usam esse tipo de remédios. Eduardo Menéndez (2009) destaca que a biomedicina têm uma tendência a negar, ignorar e/ou marginalizar a maioria dos saberes e formas não biomédicas de atenção aos padecimentos, apesar de estes serem frequentemente utilizados pelos distintos setores da população e da autoatenção ser a forma mais generalizadas de atenção aos padecimentos.

Então, há uma situação bem delicada em relação às práticas dos povos indígenas, principalmente na comunidade da Bananeira, devido aos Kaingang preferirem o remédio do posto, apesar de conhecerem e saberem a forma de preparar seus próprios chás.

Nas entrevistas dadas pelas pessoas que trabalham no posto de saúde da comunidade, observei que as plantas medicinais são realmente pouco usadas. Segundo as palavras da técnica de enfermagem Liliane Ribeiro, indígena com 29 anos:

Eu gostaria que as pessoas da comunidade usassem mais os remédios do mato (ervas medicinais), os chás que são feitas em casa, mas hoje quase as pessoas daqui não usam mais, eles só vêm ao posto de saúde para pegar remédios prontos.

O agente indígena de saúde (AIS) Aldair Sales, com 32 anos, também fala a sua versão sobre as plantas medicinais:

No meu trabalho quando vou visitar as famílias, eles já não pensam em usar as plantas medicinais o que eles perguntam pra mim é se já veio remédio no posto para eles virem pegar, porque algumas das famílias fazem tratamento para as doenças crônicas. Eu não tenho nada contra as pessoas que usam os remédios do mato, só que eles realmente não usam mais, apesar de conhecerem.

A técnica de enfermagem Liliane Ribeiro ainda disse:

Não conheço as plantas que são usadas para as doenças, a única coisa que sei é da folha da laranja que serve para fazer chá quando se está engripado.

O AIS Aldair AIS também falou sobre algumas plantas que conhece:

Conheço aquela planta com nome de boldo é muito bom quando a comida faz mal, e o cipó mil-homem que também serve para diarreia.



Imagem da técnica de enfermagem Liliane e do AIS Aldair. Foto: Josué C. Fortunato (agosto de 2014).

Continuando as entrevistas na comunidade, fui à casa de um dos moradores mais antigos, o senhor João Camargo. Ao chegar lá, ficaram meio assustados com a minha presença, pois eu nunca tinha ido passear na casa deles. Expliquei o que eu estava fazendo e a partir daí me receberam bem. Seu João quase não entendia o que eu dizia, e a esposa dele, a senhora Maria Batista Camargo, falou que ele estava um pouco surdo de um ouvido e era por isso que ele não me entendia. Pedi para a sua esposa se juntar a nós, expliquei sobre o meu trabalho e eles aceitaram a dar suas entrevistas. Aos poucos, ele foi se sentindo à vontade. Começamos então a conversar sobre as plantas medicinais e perguntei ao seu João o que ele pensava sobre o uso da medicina tradicional. Bem, ele não entendeu muito quando falei em medicina tradicional. Então expliquei na língua Kaingang o que significava em português. Quando ele entendeu a pergunta, respondeu:

Por mim não tem problema, porque muitas vezes se uma mulher é gestante ela fica tomando remédio do mato e até depois do parto para ela ficar bem. Mas hoje não são todos assim, as mulheres grávidas ficam conforme o

médico pede para elas. E tem outro os mais novos tomam remédios só da farmácia, que vêm no posto, e isto não podemos contrariar se o médico veio para consultar as pessoas que ficam doentes. Não podemos fazer nada, simplesmente falamos para os que vêm perguntar pra nós sobre os remédios que fazemos das plantas medicinais.

Também perguntei o que ele faz quando fica doente e qual recurso mais busca. O senhor João respondeu:

Eu tomo remédio do mato quando eu fico engripado é difícil de eu ir no posto de saúde buscar remédio para alguma doença, pois eu sei de remédio do mato. Aí quando fico doente eu vou ao mato procurar os meus remédios.

A senhora Maria Batista Camargo também falou sobre o que faz quando fica doente:

Nós não vamos ao posto de saúde, quando o meu esposo faz os remédios caseiros eu tomo com ele. Então a gente procura mais é o remédio do mato.

Quando fiz estas perguntas ao senhor Marculino Sales, ele disse quase a mesma coisa que os outros entrevistados mais velhos. O senhor Marculino Sales também é um dos moradores mais antigos desta comunidade:

Gosto muito de falar para os meus filhos e netos a importância dos remédios do mato, porque quando nós menos esperamos alguma doença vêm e nós atinge, e é por isso eu acho bom nós ter um conhecimento das plantas medicinais.

O senhor Marculino também disse o que faz quando fica doente e quais são os recursos que mais busca:

Hoje eu não vou ao mato, apesar de que eu conheço, pois as minhas vistas são fracas e não consigo ver direito as plantas. Aí quando fico doente peço para minha filha buscar remédio lá no posto de saúde. E às vezes eu mesmo vou para me consultar.

Para completar a minha pesquisa, fiz algumas entrevistas com pessoas mais novas que tinham a idade de 25 a 45 anos. Ao chegar nessa fase da pesquisa, percebi que os entrevistados ficaram um pouco intimidados, não se sentiram à vontade para falar comigo e responder às minhas perguntas. Porém, conversando e falando de casos

relacionados às suas famílias, fui chegando ao ponto que conseguiam responder. Logo depois se soltaram e foi bom o que falaram e escutar sobre o que fazem quando ficam doentes, como se previnem das doenças nas famílias. Consegui entrevistas com duas pessoas. A primeira foi o senhor João Maria Farias (nome fictício), em torno de 43 anos, e que reside na Bananeira desde que nasceu. Começou a falar de sua vida de como viveu quando era criança:

Eu gosto muito de usar os remédios do mato. O melhor remédio é do mato. Eu prefiro buscar só os remédios que o meu finado avô me ensinou quando eu era criança. Então quando fico doente sempre vou lá no mato buscar e preparo em casa para mim.

Sobre o que faz para prevenir as doenças na família, respondeu:

Eu cuido do jeito que dá, não deixo eles ficarem doentes. Cuido eles tanto na comida e também prevenindo contra as doenças, dou remédio quando ficam doente, faço tratamento em casa para não levar os meus filhos para o hospital, porque lá é ruim de ficar por que as vezes não temos dinheiro para acompanhar os nossos filhos lá.

Também falou das doenças que às vezes atingem os seus filhos.

Às vezes o que mais atinge os meus filhos é a gripe, a diarreia e a febre né. É difícil meus filhos pegarem doenças braba, os furúnculos e as bichas e as outras doenças. Eu uso muito os remédios do mato. É difícil eu usar os remédios do posto, quem mais usa os remédios do posto são os meus filhos, mas quando não tem remédios no posto, eu dou a eles os remédios do mato, fazendo tratamento igual como fazemos com remédios do posto.

Seguindo o meu trabalho, fui à casa da professora Rute da Rosa (nome fictício), que tem parentesco Kaingang por meio de sua avó paterna. Nos conhecemos bem e trabalhamos na mesma escola. Ela tem a idade de 25 anos e mora há um ano e meio nessa comunidade. Ficou um pouco tímida para responder, dizendo que não sabia muito a forma que os indígenas devem usar as plantas, que não sabia se conseguiria ajudar no meu trabalho. Ainda assim falou:

Eu me cuido para não ficar doente, eu evito comer comida gordurosa, mas às vezes é difícil eu me cuidar por que gosto muito de comer e acabo esquecendo de me cuidar. Eu vejo na TV que muitas doenças acontecem na pessoa porque não se cuida e tem que comer coisa menos gordurosa, o sal o açúcar e essas guloseimas que chamam.

Ela também comentou de como cuida e como previne seus filhos para que não fiquem doentes:

Eu cuido muito bem dos meus filhos para que eles não fiquem doente, e é difícil meus filhos ficarem doentes. Eles comem bem não vejo nem uma necessidade neles. Mas mesmo assim eu cuido bem deles não exagero na comida porque acho que a criança fica doente por causa de sua comida e isto eu cuido bastante.

Ela demonstrou constrangimento quando fiz a última pergunta sobre o que conhece de plantas medicinais: *eu te falei que eu não saberia responder as tuas perguntas*. Eu disse que não havia problema se conhecia ou não, pois era só uma pergunta, sem a obrigação de responder:

Não conheço muito as plantas que fazemos os chás para doenças. Só quando o alimento faz mal eu procuro aquelas que servem para o mal estar no intestino e é isso. O que eu mais uso é os remédios do posto e quando não tem eu vou comprar na farmácia na cidade.

Observando o que Rute falou, parece que ela tem limitações no conhecimento das plantas medicinais, e procura se cuidar mais da forma que uma pessoa não indígena se cuida, diferente dos outros que entrevistei.

A partir das falas dos entrevistados, vemos que na comunidade da Bananeira a maioria das pessoas que entrevistei usa as plantas medicinais, principalmente os mais velhos. Penso que se eu entrevistasse outras pessoas, com certeza haveria mais gente que conheceria esses recursos medicinais.

V. A NOMENCLATURA DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS

Também busquei nos relatos dos entrevistados mais velhos os nomes de plantas usadas como remédios e foram citados um pouco mais 40 tipos. Um primeiro aspecto a trazer se refere ao local onde as plantas se encontram, pois indica a necessidade de

andar mais ou menos para buscar ou coletar as suas folhas ou outra parte da planta. Segundo Moacir Haverroth (2007, p. 47), a referência aos ambientes geralmente é feita segundo os recursos que fornecem:

Um determinado remédio “dá no mato virgem” ou “dá no banhado” e assim por diante. O termo que designa o ambiente pode ser o mesmo para o tipo de vegetal que nele predomina. Assim, re é um local de capina, campo ou pasto, mas também é capim, grama ou erva.

Os entrevistados desse TCC também falaram onde podem ser encontradas as plantas medicinais. Assim, vemos que algumas plantas se encontram dentro de mata virgem, outras no campo, outras no banhado, ou na capoeira e ainda dentro de rio ou na margem de rio.

Moacir Haverroth (2007) classifica a etnobotânica Kaingang em três categorias: morfoecológica, utilitária e simbólica. Nesse trabalho, foi possível descrever a categoria utilitária, já que para as outras duas os entrevistados não quiseram dar informações. Na categoria utilitária, são descritos o nome da planta em português e em Kaingang (quando possível), qual parte e o tipo da planta e para que serve. Nas Tabelas 1 e 2, estão informadas as plantas referidas pelos entrevistados, com a parte e tipo de vegetal e para qual (ou quais) doença servem, para as pessoas em geral e para as mulheres, respectivamente.

Tabela 1. Nomes das plantas usadas como remédios e chás para a população em geral, descritas pelos Kaingang mais velhos, setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul, julho e agosto de 2014.

Planta (nome Kaingang)	Parte da planta	Tipo de planta	Doenças
Açucará (siumag)	Casca	Árvore	Diarreia, mordida de cobra e derrame
Amoreira e vinho	Raiz	Árvore	Amarelão
Boldo	Folha	Arbusto	Má digestão
Bardame (marname)	Folha	Arbusto	Câncer de pele
Caite (ty)	Raiz	Arbusto	Para criança tomar feito chá, para criar os dentes
Caite (Ty)	Folha	Arbusto	Para o cabelo não ficar branco
Cancarosa	Raiz	Arbusto	Hemorragia e reumatismo
Camará	Folha	Árvore	Gripe
Carvalinho	Folha	Árvore	Dor na bexiga e irritação no canal do pênis; e dor na coluna
Capote (penva sa)	Casca e Folha	Árvore	Cólica e diarreia
Carne de vaca (feg fi)	Casca	Árvore	Infecção no canal do pênis e gonorreia
Carrapichinho	Folha	Rasteira	Dor de bexiga e dor nos rins
Carqueja (karkej)	Folha	Arbusto	Infecção na bexiga e dor no estômago
Cedro (fó)	Casca	Árvore	Coceira na criança
Chapéu de couro (jãtã sãpe)	Folha	Arbusto	Rins e dor na bexiga
Cidreira	Folha	Herbáceo	Para gripe
Cipó mil homem (mrurger)	Caule	Arbusto	Cólica
Cipó-mata-peixe(keje)	Caule	Arbusto	Mordida de cobra
Cipó melancia (jamu saas)	Folha	Rasteira	Crista de gala
Coqueiro jerivá (tenh)	Flor	Árvore	Amarelão
Cruzeiro	Folha	Árvore	Dor de dente
Espinho de juá	Folha e Raiz	Arbusto	Câncer, emagrecedor
Fumeiro (petór)	Folha	Árvore	Queimadura
Gervão	Folha e Galho	Herbáceo	Dor no estômago
Guanxuma (Né tuj)	Folha	Arbusto	Para o cabelo crescer
Imbu (Mug)	Folha e Casca	Árvore	Machucadura hemorragia
Laranja (raraj)	Folha e Casca	Árvore	Gripe
Limão	Folha	Árvore frutífera ou arbusto	Gripe e pressão (com açúcar)
Mamiqueira (fykog)	Folha	Árvore	Diarreia e macumba
Marcela (marser)	Folha e Flor	Arbusto	Dor no estomago
Maria mole (fej te nej)	Folha	Arbusto	Coça-coça
Ortigueira(NY)	Casca	Árvore	Dor na coluna e câimbra
Pariparova (Krygme)	Folha	Herbáceo	Furúnculos
Pitangueira (jymi)	Folha e Flor	Árvore	Cólica
Pitoco	Folha	Arbusto	Diarreia
Samambaia do mato (Pri)	Folha	Arbusto	Reumatismo apendicite
Vassoura do campo (masora)	Folha	Arbusto	Amarelão

Tabela 2. Nomes das plantas usadas como remédios e chás para as mulheres, descritas pelos Kaingang mais velhos, setor da Bananeira, Terra Indígena da Guarita, Rio Grande do Sul, julho e agosto de 2014.

Planta (nome Kaingang)	Parte da planta	Tipo de planta	Doenças
Canela de pinha e samambaia do mato (pri)	Folha	Árvore	A mulher toma depois do parto
Cedro (fó)	Casca	Árvore	Câncer no útero
Guaviroveira	Folha	Árvore	Mulher toma para não engordar quando está grávida
Maria preta	Casca	Árvore	Quando a mulher fica com hemorragia
Peloteira (kekróg) e Rabo de bugiu	Casca	Arbusto e Árvore	Quando a mulher sente dor de cabeça depois do parto
Rabo de burro	Raiz	Herbácea	Para mulher não perder criança
Samambaia da água	Folha	Epífita	Serve como anticoncepcional
Taquara mansa	Semente	Gramínea	A mulher toma para ganhar a criança logo no parto
Kregmag	Casca	Árvore	Quando a mulher sente dor no útero

As tabelas acima demonstram que há vários tipos de remédios que os velhos da comunidade conhecem. Inicialmente, os entrevistados procuraram me falar tudo o que conheciam sobre as plantas medicinais, porém depois retrocederam, pois há remédios que tem tempo e dia certo que podem ser falados. Por isso que não foi possível registrar todos os nomes conhecidos pelos velhos.

VI. CONCLUSÃO

A partir da minha pesquisa, posso dizer que a população do setor da Bananeira tem conhecimentos sobre plantas medicinais, porém muitas pessoas estão deixando de usá-las. Além dos dados que apresentei, também percebo que as crianças da escola, que estudam no período da manhã conhecem as plantas e as suas utilidades. No entanto, segundo os mais velhos, a maioria não usa apesar de conhecer, ou seja, é um valor que está sendo resgatado só no conhecimento e não pelo uso das plantas.

Notei durante o meu trabalho que um dos entrevistados conhece mas não usa mais, porque algumas lideranças indígenas têm impedido o uso pelos moradores desta comunidade e de outras comunidades da TI da Guarita. Outro motivo é a interferência da biomedicina, quando os médicos proíbem ou julgam negativamente a automedicação com plantas e/ou com medicamentos, o que gera conflitos, muitas vezes levando ao abandono ou redução do uso das plantas. Hoje em dia, os especialistas Kaingang, os conhecedores de plantas medicinais aceitam que os mais novos usem a medicina do não indígena, pois pensam que não podem fazer nada para impedir que as pessoas usem o remédio que o médico receita quando vai ao consultório do posto.

Percebo que os mais velhos que entrevistei, como o senhor João Camargo e sua esposa Maria Batista Camargo, preferem os remédios do mato. Noto também que os profissionais de saúde, como a técnica de enfermagem indígena, não conhecem muito sobre as plantas medicinais, apesar de que ela gostaria que todos os Kaingang da comunidade usassem esses recursos.

Esse TCC pode contribuir na melhoria do diálogo entre indígenas e suas lideranças e com os profissionais de saúde, no sentido de mostrar que existe um conhecimento sobre plantas medicinais que pode ser útil para todos.

Bem, com tudo o que coletei durante o meu trabalho, fiquei contente pelas pessoas me darem informações e conhecimento sobre as plantas medicinais.

VII. REFERÊNCIAS

BARROS, Karina Fabíola Glins de; NEU, Vania; ROCHA, Cinthia Creatini da. Etnoconhecimento utilizado pelos índios Kaingang da região sul do Brasil. In: **Anais do 9º Seminário Anual de Iniciação Científica**, 2011. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia. 2011. Sem página.

HAVERROTH, Moacir. **Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang**. Recife: Nupeea, 2007. 107 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010** – primeiras considerações com base no quesito cor ou raça.

Disponível em:
http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 16 setembro 2014.

MENÉNDEZ, Eduardo. Modelos, saberes e formas de atenção aos padecimentos: exclusões ideológicas e articulações práticas. In: MENÉNDEZ, Eduardo. **Sujeitos, saberes e estruturas – uma introdução ao enfoque relacional no estudo da saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 17-70.

PÖRSCH, Juliano. **Saberes da Natureza e Conhecimento Etnobotânico Indígena: o caso da comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita**. 2011. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.